Terca-Feira, 10 de Novembro de 2026

O haicai e a arte de capturar o instante

Uma folha cai no quintal. Um pássaro pousa sobre o muro. A chuva interrompe, por um momento, o rumor da cidade. Para o olhar distraído, quase nada aconteceu. Para o poeta, talvez tenha acontecido o suficiente. É dessa atenção ao que passa depressa que nasce o haicai: um poema breve, capaz de conservar o instante sem aprisioná-lo numa explicação.

Sua origem está na tradição japonesa do haikai no renga, composição coletiva de versos encadeados. A estrofe de abertura, chamada hokku, ganhou crescente autonomia. Matsuo Bash? (1644–1694), nascido numa família de origem samurai e ligado na juventude a uma casa de guerreiros, deu a essa poesia uma densidade rara.

Após deixar aquele serviço, fez da escrita e das viagens um modo de vida. Na observação das estações, dos caminhos, dos animais e das pequenas mudanças da paisagem, encontrava matéria para uma experiência poética sem ostentação.

O haicai tradicional costuma trazer uma referência sazonal, o kigo, e uma pausa ou corte de sentido que aproxima duas imagens e deixa ao leitor a tarefa de ligá-las. A natureza, nesse universo, não é simples cenário: é a medida do tempo. No fim do século XIX, Masaoka Shiki (1867–1902) consolidou o uso do nome haiku e sua afirmação como poema autônomo.

A fórmula mais conhecida é 5–7–5: cinco unidades sonoras na primeira parte, sete na segunda e cinco na última, num total de dezessete. Há, porém, uma distinção decisiva. No japonês, contam-se unidades rítmicas chamadas on, próximas das moras, que não equivalem exatamente às nossas sílabas.

A disposição em três linhas e a contagem de dezessete sílabas poéticas constituem, portanto, uma adaptação consagrada em português, e não uma reprodução fonética perfeita do original.

Na versificação portuguesa, a contagem se faz por escansão. Ela termina na última sílaba tônica do verso: numa palavra oxítona, conta-se até o fim; numa paroxítona ou proparoxítona, deixam-se de fora as sílabas posteriores à tônica.

Há também a elisão, ou sinalefa, pela qual vogais contíguas entre palavras podem formar uma única emissão, como em “casa azul”. Essa fusão não deve ser tratada mecanicamente: a pausa, a força de um monossílabo tônico ou a ênfase na vogal seguinte podem conservar o hiato. O ouvido e a leitura efetiva do verso importam tanto quanto a regra escrita.

Dois exemplos permitem ouvir essa medida. Primeiro, “Noturno”, de Guilherme de Almeida, e depois um haicai composto especialmente para este artigo:

Guilherme de Almeida — Noturno

Na cidade, a lua:

a jóia branca que bóia

na lama da rua.

Exemplo inédito:

Um rosto de mármore

Sob a chuva, ninguém sabe

Qual lágrima é sua.

Em “Noturno”, a escansão é Na / ci / da / de_a / LU (cinco); a / JÓI / a / BRAN / ca / que / BÓI (sete); na / LA / ma / da / RU (cinco). A elisão entre “cidade” e “a” é decisiva. O exemplo inédito também admite a estrutura 5–7–5, mediante a elisão entre “lágrima” e “é” no último verso.

No Brasil, o haicai tomou caminhos próprios. Difundido nas primeiras décadas do século XX por traduções e pela comunidade japonesa, encontrou em Guilherme de Almeida um defensor da disciplina formal.

Ele manteve o 5–7–5, deu títulos e acrescentou rimas: o primeiro verso com o terceiro e, no segundo, uma rima interna entre a segunda e a sétima sílabas poéticas. Em “Noturno”, “lua” rima com “rua”; “jóia”, com “bóia”. Essa sonoridade não é exigência do modelo japonês.

Paulo Leminski (1944–1989), talvez nosso mais inventivo escritor de haicais, conhecia Bash?, mas levou o gênero para a fala urbana, o humor e o jogo verbal. Alternou versos 5–7–5 com outros de ritmo livre, conforme o efeito desejado.

Millôr Fernandes (1923–2012) transformou o “hai-kai” em espaço de ironia, sátira e crítica política, frequentemente com rimas e sem rigor silábico. Sua vertente humorística lembra o senry? japonês, atento às contradições humanas.

Cinco poemas mostram a variedade desses caminhos, incluindo a voz mato-grossense do saudoso Ivens Cuiabano Scaff (1951–2024):

Paulo Leminski

a palmeira estremece

palmas pra ela

que ela merece

coisas do vento

a rede balança

sem ninguém dentro

Millôr Fernandes

Na poça da rua

O vira-lata

Lambe a Lua.

Há colcha mais dura

que a lousa

da sepultura?

Ivens Cuiabano Scaff — Haluares (Entrelinhas, 2021)

companheira

caminha com os viajantes

lua estradeira

Em Leminski, “palmeira” e “palmas” fazem a árvore receber aplausos; a rede vazia conserva a ausência de alguém. A lua, por sua vez, ganha três destinos: Guilherme de Almeida a vê como joia na lama; Millôr permite que um vira-lata a lamba; Ivens Cuiabano Scaff a faz caminhar com os viajantes.

Essas são relevantes portas de entrada para o universo do haicai. Quem desejar conhecê-lo mais profundamente encontrará, entre os brasileiros, a sensibilidade de Helena Kolody, a inventividade de Alice Ruiz e a delicadeza de Teruko Oda, entre tantos outros poetas que se dedicaram a essa arte.

Vale procurá-los, conhecer suas obras e descobrir como cada um, à sua maneira, transforma pequenos acontecimentos em poesia. Afinal, um haicai pode estar à espera do nosso olhar numa folha caída, numa poça d’água ou na lua que acompanha os viajantes.

Márcio Florestan Berestinas é promotor de Justiça